

The Covid-19 pandemic. Categorization, normalization, information and disinformation

A pandemia de Covid-19. Categorização, normalização, informação e desinformação

Isabel Babo*

*CICANT, Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação, Universidade Lusófona do Porto (isabel.babo@ulp.pt)

Abstract

The SARS-CoV-2 virus's infection, spread from China to the rest of the world, was designated as a "viral pneumonia", "epidemic" and "pandemic", which inscribed the phenomenon on a semantic field that enables to describe and understand it, as well as react to it. To analyse such identification, we'll apply MCA (Membership categorization analysis) and the *frame analysis*, in order to highlight the operational dimension of such categorization, and reveal the extent to which designation and typification produce a normalization effect. For that matter, it is also reflected how historical analogy is used, and how past situations may contribute to provide intelligibility frameworks as much as to reduce both uncertainty and contingency of this situation.

Thereafter, we observe the informational scope and how information and misinformation coexist, through imprecisions and untruths that erupted in the public space, on the present case, similarly to analogous past situations, these last ones that are evoked in historical terms, according to their different contexts and information conditions.

Keywords: category, frame, misinformation, normalization, pandemic.

Resumo

O contágio pelo vírus SARS-CoV-2, que a partir da China alastrou ao resto do mundo, foi designado como "pneumonia viral", "epidemia" e "pandemia", inscrevendo o fenómeno num campo semântico que possibilita descrevê-lo, compreendê-lo e reagir-lhe. Para uma análise dessa identificação irá aplicar-se a MCA (Membership categorization analysis) e a *frame analysis*, com o objetivo de evidenciar a dimensão operatória da categorização, assim como mostrar em que medida a designação e a tipificação produzem um efeito de normalização. Nesse seguimento, também se aborda como se recorre à analogia histórica e se convocam situações ocorridas no passado que contribuem para fornecer quadros de inteligibilidade e para reduzir a incerteza e a contingência da situação.

Após essa abordagem, encara-se a questão informacional e como informação e desinformação convivem, assinalando-se imprecisões e falsidades que irromperam no espaço público no presente caso, tal como no passado relativamente a situações análogas invocadas em termos históricos, de acordo com os diferentes contextos e condições de informação.

Palavras chave: categoria, desinformação, quadro de referência, normalização, pandemia.

Introdução

No dia 7 de janeiro de 2020, no jornal *Público*, surge a seguinte notícia: “Uma estranha forma de pneumonia está a preocupar a China. Causa é desconhecida”.¹ Dia 14 de Janeiro, é publicado um aviso da Organização Mundial de Saúde (OMS) relativo a uma pneumonia viral da qual há notícia recentemente.² A designação do fenómeno enquanto “pneumonia viral”, “epidemia” ou “pandemia” inscreve o mesmo num campo semântico, possibilitando a sua identificação, descrição, compreensão e ainda como reagir-lhe. Para uma análise sobre a definição do fenómeno, irá aplicar-se a *Membership categorization analysis* (MCA) e a *frame analysis*, mostrando a dimensão operatória da categorização, pretendendo-se, também, abordar em que medida se produz um efeito de normalização. De seguida, e nesse encaço, irá referir-se como se recorre à analogia histórica e se convocam situações ocorridas no passado, que contribuem para fornecer quadros de inteligibilidade e de significação, enquadram e normalizam o fenómeno, reduzindo a sua incerteza e contingência.

Uma vez abordada a definição da situação, encara-se a questão informacional e como informação e desinformação convivem, mediante imprecisões e falsidades que, de acordo com as diferentes situações e condições de informação, irrompem no espaço público no presente, assim como emergiram no passado.

Inicia-se com a apresentação de uma breve cronologia das notícias sobre a irrupção pública do vírus SARS-CoV-2 ou novo coronavírus³, para dar conta da individualização do fenómeno através da sua designação ou da categoria utilizada. No âmbito deste texto, refere-se o acontecimento e a situação daí decorrente, e não se examina uma questão, que requeria uma outra análise, sobre se o fenómeno da pandemia é acontecimental, ou seja, da ordem do inesperado, comportando uma dimensão disruptiva e de descontinuidade, ou se constitui antes uma nova situação, com características próprias que a determinam. Considera-se que há uma dimensão acontecimental, e que se trata de um acontecimento jornalístico, e que há uma situação que se liga ao campo da experiência. A noção de situação, passível de ser analisada à luz de como é definida, caracterizada e vivida na experiência pública, é a que melhor se aplica a este estado.

Da pneumonia viral à pandemia

Dia 7 de janeiro de 2020, a imprensa informa que:

Há uma nova doença na China a intrigar cientistas e preocupar autoridades: ainda não se sabe o que é ao certo. Os primeiros relatos da doença – cujos sintomas são semelhantes

¹ Chaíça, I. (2020, janeiro 7). *Uma estranha forma de pneumonia está a preocupar a China. Causa é desconhecida*. Público <https://www.publico.pt/2020/01/07/ciencia/noticia/estranha-forma-pneumonia-preocupar-china-causa-desconhecida-1899502>

² “A Organização Mundial de Saúde (OMS) avisou esta terça-feira que [um caso da pneumonia viral que começou em Wuhan](https://www.publico.pt/2020/01/14/ciencia/noticia/oms-avisa-pneumonia-viral-comecou-china-alastrarse-paises-1900316), na China, foi diagnosticado na Tailândia e que é provável que o vírus se alastre a outros países. (...) a detecção do primeiro caso fora da China pode significar que um surto internacional da doença está próximo.” (Neves, S. 2020, janeiro 14. *OMS avisa que pneumonia viral que começou na China pode alastrar-se a outros países*, Público) <https://www.publico.pt/2020/01/14/ciencia/noticia/oms-avisa-pneumonia-viral-comecou-china-alastrarse-paises-1900316>

³ SARS-CoV-2 é o novo coronavírus identificado como agente etiológico da doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) que começou em Wuhan, na China, no final de 2019 e se espalhou por todo o mundo.

ao de uma pneumonia, com febre alta, infecções respiratórias e lesões pulmonares – datam de Dezembro e estão, por enquanto, circunscritos à região de Wuhan.⁴

Poucos dias depois, o mesmo jornal informa que “as autoridades chinesas anunciaram este sábado a morte de um primeiro doente com pneumonia viral em Wuhan, capital da província central chinesa de Hubei”.⁵

No dia 14 de janeiro de 2020, a Direção-Geral da Saúde (DGS) de Portugal emite um comunicado⁶ cujo assunto diz respeito ao “Surto de doença respiratória na Cidade de Wuhan – China” e no qual informa que, entre 31 de dezembro de 2019 e 11 de janeiro de 2020, foram reportados 59 casos de pneumonia, estando “identificado um novo coronavírus como agente etiológico da doença, tendo sido obtidos resultados positivos em 41 daqueles casos, incluindo 1 óbito”. A 26 de Janeiro de 2020, o jornal *Público* reporta, em título, que o “Primeiro caso suspeito de coronavírus em Portugal deu negativo”.⁷

No Portal do Serviço Nacional de Saúde (SNS), dia 28 de janeiro, é publicada uma informação sobre o Coronavírus 2019-nCoV (COVID-19):

2019-nCoV é o nome dado a um novo coronavírus que causa doença respiratória potencialmente grave, como a pneumonia. Este vírus foi identificado pela primeira vez em humanos na cidade chinesa de Wuhan, província de Hebei, tendo sido confirmados casos em outros países.⁸

Dia 2 de março de 2020, o jornal *Diário de Notícias* informa, em título, que “Portugal confirma dois casos de Covid-19 com ligações a Itália e Espanha”. De seguida, é o conceito de pandemia que passa a vigorar: “11 março – Organização Mundial de Saúde passa a considerar o Covid-19 como uma pandemia, isto é um surto de doença com distribuição geográfica internacional muito alargada e simultânea.”⁹

A pneumonia viral emerge a partir de um vírus que surgiu na cidade de Wuhan e que alastra com carácter de epidemia, sendo, de seguida, com o desenrolar da situação, introduzida a noção de pandemia. Em termos semânticos, o percurso é o seguinte: em janeiro é noticiada uma “pneumonia viral”, ou a “doença cujos sintomas são semelhantes ao de uma pneumonia”, constituindo um “surto de doença respiratória” ligada ao “novo vírus detetado na China”.¹⁰ “O surto de coronavírus com origem na China” dissemina-se geograficamente e torna-se “caso de emergência de saúde pública internacional”.¹¹ A infeção provocada

⁴ Chaiça, I. (2020, janeiro 7) *Uma estranha forma de pneumonia está a preocupar a China. Causa é desconhecida.* Público <https://www.publico.pt/2020/01/07/ciencia/noticia/estranha-forma-pneumonia-preocupar-china-causa-desconhecida-1899502>

⁵ *Morre primeiro doente com a pneumonia viral que alastra na China*, Público | Lusa, 11 de janeiro de 2020. <https://www.publico.pt/2020/01/11/ciencia/noticia/morre-doente-pneumonia-viral-alastra-china-1899990>

⁶ Comunicado nº 160_01_v2.

⁷ *Primeiro caso suspeito de coronavírus em Portugal deu negativo.* Público, 26 de janeiro de 2020. <https://www.publico.pt/2020/01/26/sociedade/noticia/nao-ha-caso-coronavirus-portugal-caso-suspeito-deu-negativo-1901740>

⁸ <https://www.sns.gov.pt/2020/01/28/coronavirus-2019-ncov/>

⁹ Henriques, G. et al. (2020, março 15). *Cronologia de acontecimentos da epidemia do coronavírus*, Jornal de Notícias. <https://www.dn.pt/pais/confirmados-dois-primeiros-casos-de-coronavirus-em-portugal-11805920.html>

¹⁰ *O que é o novo vírus detetado na China? Saiba como se transmite e se previne*, Jornal de Notícias, 22 janeiro de 2020. <https://www.jn.pt/mundo/o-que-e-o-novo-virus-detetado-na-china-saiba-como-se-transmite-e-se-previne-11736164.html>

¹¹ *30 de janeiro – OMS declara surto como caso de emergência de saúde pública internacional, mas opõe-se a restrições de viagens e trocas comerciais.* Rádio Renascença - RR, 2 março de 2020.

pelo novo coronavírus¹² é apelidada de Covid-19 e sucedem-se informações sobre os primeiros casos em Portugal.¹³ A OMS declara o “surto” como caso de emergência de saúde pública internacional e considera, em fevereiro, que o surto do novo coronavírus não é ainda uma pandemia¹⁴ para, seguidamente, em março, aplicar o quadro semântico da “pandemia”.¹⁵

Dia 11 de março, o jornal Público noticia:

A epidemia de covid-19 chegou a uma fase em que ‘pode ser caracterizada como uma pandemia’, declarou oficialmente esta quarta-feira, em Genebra (Suíça), o director-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, revelando que o novo coronavírus provocou já mais de 118 mil infectados em 114 países e 4291 mortes e que ‘podemos esperar que o número de casos, mortes e países afectados aumente’.¹⁶

A doença passa a existir como fenómeno social quando é publicamente classificada enquanto tal, inscrita num campo semântico e num campo de experiência, criando-se uma percepção comum e partilhada.

A designação “pandemia”. Categorização e enquadramento

No seguimento do que foi dito, nas descrições da doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 foram empregues, mais ou menos sequencialmente, as seguintes designações: “doença – cujos sintomas são semelhantes ao de uma pneumonia”, “pneumonia viral”, “surto de doença respiratória”, “novo vírus”, “surto de coronavírus”, “infecção por Covid-19”, “epidemia”, “pandemia”. Ou seja, por fim, a noção de “pandemia” redefine o surto, implicando a reconfiguração deste e uma reorganização de perspetivas e significações. O termo pandemia é usado, de acordo com a OMS, para uma doença que rapidamente se dissemina por diversas regiões de um continente ou por todo o mundo, através de uma contaminação sustentada, sendo, por isso, caracterizada não especificamente pelo seu grau de gravidade, mas antes

<https://rr.sapo.pt/2020/03/02/mundo/cronologia-do-coronavirus-dos-primeiros-casos-em-wuhan-as-primeiras-infeco-es-em-portugal/noticia/183886/>

¹² “11 de fevereiro – A OMS decide dar oficialmente o nome de Covid-19 à infecção provocada pelo novo coronavírus.” *Cronologia do coronavírus. Dos primeiros casos em Wuhan às primeiras infeções em Portugal*. Rádio Renascença - RR e Lusa, 2 março de 2020. <https://rr.sapo.pt/noticia/mundo/2020/03/02/cronologia-do-coronavirus-dos-primeiros-casos-em-wuhan-as-primeiras-infeco-es-em-portugal/183886/>

¹³ “O Ministério da Saúde e a Direção-Geral da Saúde confirmaram, esta segunda-feira, os primeiros casos de infeção por Covid-19 em Portugal. Um paciente esteve de férias no norte de Itália e outro em Valência. Ambos estão internados no Porto.” (Henriques, G. et al. 2020, março 2. *Portugal confirma dois casos de Covid-19 com ligações a Itália e Espanha*, Diário de Notícias) <https://www.dn.pt/pais/confirmados-dois-primeiros-casos-de-coronavirus-em-portugal-11805920.html>

¹⁴ Em *Cronologia do coronavírus. Dos primeiros casos em Wuhan às primeiras infeções em Portugal* consta: “30 de janeiro – OMS declara surto como caso de emergência de saúde pública internacional”; “04 de fevereiro – OMS avisa que o surto do novo coronavírus não é ainda uma pandemia”; “11 de fevereiro – A OMS decide dar oficialmente o nome de Covid-19 à infecção provocada pelo novo coronavírus”; “24 de fevereiro – Diretor-geral da OMS avisa que o mundo tem de se preparar para uma “eventual pandemia” do novo coronavírus.” (RR e Lusa, 2 março de 2020). <https://rr.sapo.pt/noticia/mundo/2020/03/02/cronologia-do-coronavirus-dos-primeiros-casos-em-wuhan-as-primeiras-infeco-es-em-portugal/183886/>.

¹⁵ “11 março – Organização Mundial de Saúde passa a considerar o Covid-19 como uma pandemia, isto é um surto de doença com distribuição geográfica internacional muito alargada e simultânea”. Henriques, G. et al. (2020, março 15). *Cronologia de acontecimentos da epidemia do coronavírus*, Jornal de Notícias. <https://www.dn.pt/pais/confirmados-dois-primeiros-casos-de-coronavirus-em-portugal-11805920.html>

¹⁶ Mendes, F.A. (2020, março 11). *OMS declara pandemia que exige ‘ações urgentes e agressivas’ dos países*, Público. <https://www.publico.pt/2020/03/11/ciencia/noticia/oms-declara-pandemia-exige-accoes-urgentes-agressivas-paises-1907364>

pelo seu poder de contágio e pela sua proliferação geográfica.¹⁷ Como consta no portal do SNS, a 11 de março de 2020, "o Diretor-Geral da OMS referiu, em conferência de imprensa, que a epidemia de Covid-19 atingiu o nível de uma pandemia porque há mais de 118 mil casos de infeção em 114 países e 4.291 mortes".¹⁸

A extensão geográfica da doença é determinante para a sua classificação como pandemia. Ora, a identificação da situação mediante uma designação – que vou tratar como categorização – é decisiva para compreendê-la, responder-lhe e reagir-lhe. Nesse sentido, aplico ao conceito "pandemia" a noção de categoria e convoco a análise de categorizações (*membership categorization analysis* – MCA) (Berard, 2005; Coulter, 1991; Jayyusi, 1984; Sacks, 1989; Watson, 1994) – a qual se aplica às categorias de pertença (*membership categories*) ou às categorizações dos membros e encara a categorização como atividade prática – porque permite demonstrar como o uso de uma categoria tem implicações e consequências conceptuais e práticas.¹⁹ Conquanto, no caso aqui em análise, esta aplicação seja somente inspirada na MCA, pois o conceito "pandemia" designa uma situação e não uma categoria de um membro da sociedade (ou identidade).²⁰

Garfinkel (1984) defendeu e examinou a "accountability" das actividades práticas e Sacks (1989), com a análise das categorizações (MCA) e a noção de dispositivo de categorização dos membros (*membership categorization devices*)²¹, mostrou que os conceitos e as categorias "permitem ver" ("as classes e as suas categorias permitem ver"²²; Sacks, 1989, p. 158). Há um carácter operativo do conceito ou da categoria que serve de meio de determinação, identificação e configuração sensível dos fenómenos. A designação ou categorização utilizada identifica e define a situação e, ao mesmo tempo, organiza ações a desenvolver, orientações práticas, expectativas e antecipação de consequências, porque as categorias, como bem explicou Watson (1994), são recursos culturais utilizados pelos membros da sociedade que atribuem um sentido culturalmente estandardizado aos membros e às situações.²³ Jayyusi (1984) refere o "trabalho de categorização" (*categorization work*) e vê as categorias como métodos ou procedimentos de descrição e compreensão. Podem referir-se também, a propósito, as práticas de descrição (*accounting practices of members*; Garfinkel, 2007, p. 51), enunciadas por Garfinkel e Sacks (1986), constituídas pelo conhecimento comum das estruturas sociais de que os membros dispõem, que organizam a descritibilidade de atividades e situações.

Assim sendo, nomear a situação como "pandemia" permite identificar o que se passa, tornar a situação intersubjetivamente compreensível, organizar a sua descritibilidade, reconhecer como responder-lhe e

¹⁷ <https://www.sanarmed.com/pandemias-na-historia-comparando-com-a-covid-19>

¹⁸ <https://www.sns.gov.pt/noticias/2020/03/11/covid-19-pandemia/>

¹⁹ "Practical descriptions of identity and the reflexive, mutually elaborative relations between identity, actions, beliefs, and other attributes or predicates of persons, is the stuff of membership categorization practices and is treated by membership categorization analysis (MCA)." (Berard, 2005, p. 25)

²⁰ Ao aplicar a categorização a acontecimentos, concebendo-a como predicação, aplicação de um conceito ou qualificação, sai-se do estrito âmbito da *Membership categorization analysis* – MCA. Capta-se, porém, o que aqui importa: a categoria utilizada enquanto conceito, atributo ou predicado categorial e a categorização enquanto definição atributiva e de identificação, de acordo com a MCA, detêm implicações lógicas e consequências práticas (cf. Babo-Lança, 2006).

²¹ Cf. "Harvey Sacks on categorization: an overview" (Jayyusi, 1984).

²² "The classes and their categories permit you to see" (Sacks, 1989, p. 158). Em certo sentido vemos categorias: vemos a "mãe", o "juiz", ou o acidente, o atentado.

²³ "Les catégories correspondent à des ressources culturelles utilisables par tous les membres d'une société : ces ressources sont publiques, partagées et transparentes; elles constituent une sorte de 'boîte à outils' utilisable pour donner un sens culturellement standardisé aux situations." (Watson, 1994, p. 153)

reagir-lhe. A “pandemia” caracteriza-se por um surto de doença com características espaciais e temporais próprias, i.e., uma distribuição geográfica muito alargada e uma simultaneidade temporal. O “surto”, que numa das suas acepções constitui o “aparecimento repentino e inesperado de uma coisa, que atinge simultaneamente muitas pessoas”²⁴, tornou-se, como a OMS declarou, uma “pandemia” e um “caso de emergência de saúde pública internacional”, desde o momento em que a escala do contágio e a sua geografia aumentaram rapidamente. Uma vez identificada a “pandemia”, que é uma “epidemia generalizada”²⁵, ou uma “epidemia que atinge num curto período de tempo as populações de numerosos países”²⁶, constitui-se a expectativa da progressão da doença ao nível da população contaminada.

Os conceitos (categorizações) que vão sendo sequencialmente aplicados – pneumonia viral, epidemia, pandemia – não identificam somente o que está a acontecer, mas constituem ainda procedimentos que determinam as descrições, a inteligibilidade da situação e a sua análise, assim como são recursos práticos de como reagir. As categorias-conceitos são utilizados como métodos ou procedimentos para reconhecer e organizar os fenómenos sociais e os conhecimentos destes, as percepções, crenças, atividades, etc. Como Jayyusi (1984) sublinha, “os membros não usam habitualmente as categorias-conceitos como meros rótulos, mas como métodos para organizar os seus conhecimentos, crenças, percepções, tarefas, relações morais, etc.” (p. 136).

Esta acepção supõe o carácter operatório do conceito ou da categoria, enquanto instrumento e recurso para descrever e dar conta dos acontecimentos, situações, práticas, pessoas, sendo ao mesmo tempo constitutivo desses acontecimentos, situações, práticas, pessoas, porque as organizam, ou organizam os seus comportamentos, em função de regras, normas convencionais sancionadas socialmente, formas de vida e instituições. Quéré (1994) também realça que há uma “operacionalidade das categorias na organização da *accountability* dos fenómenos” (p. 37). A categorização de um acontecimento, situação ou pessoa não se reduz ao aspecto extensivo de inclusão numa classe, ou de subordinação a um tipo, mas funciona sobretudo como uma ferramenta que permite ver o acontecimento ou a situação sob um determinado aspeto, torná-lo inteligível, anunciá-lo, analisá-lo e responder-lhe.²⁷ Deve, por isso, distinguir-se a “categoria” como objeto de pensamento e a categoria como “ato de pensamento”, procedimento, método. Acrescente-se que a seleção de uma categoria é resolvida pelo princípio da pertinência em função do contexto de categorização. Na esteira da teoria de Garfinkel (1984) sobre a constituição processual e local do sentido (e sobre a *indicialidade* e a *reflexividade* entre a descrição e a situação), Sacks (1989) destaca o carácter operacional da constituição do sentido em situação. A categorização é uma atividade ligada às circunstâncias em que é realizada.

É assim que a identificação “pandemia pelo vírus SARS-CoV-2”, na sua dimensão pragmática, i.e., enquanto procedimento e recurso, revela-se pertinente para a caracterização e o conhecimento da situação. Ao mesmo tempo que acarreta implicações lógicas e semânticas, como consequências epidemiológicas, de contágio e de disseminação da doença na população, efeitos práticos de saúde pública, com medidas a definir e a tomar, implicações normativas, morais e práticas em geral, tais como

²⁴ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*, Verbo, 2001, p. 3490.

²⁵ *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, Círculo de Leitores, 1985, p. 463.

Por sua vez, a epidemia é “doença que atinge simultaneamente várias pessoas na mesma terra ou região, mas cuja causa não é inerente a esse lugar” (idem, p. 928).

²⁶ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências*, Verbo, 2001, p. 2733.

²⁷ Esta visão da categorização insiste “na escolha de uma propriedade, na especificação de um ‘momento característico’ ou na seleção de uma descrição, assim como no carácter operatório do conceito ou da categoria.” (Quéré, 1994, p. 21)

direitos a cuidados de saúde, respeito pelas regras coletivas de distanciamento físico, dever de precaução para não contagiar o outro e responsabilidade, e ainda inferências e expectativas que permitem ações e programas a antever e a realizar. Ou seja, a noção ou a situação assim classificada detém um carácter operatório e, por isso, dá origem a medidas sanitárias de desinfeção, aplicação de testes de diagnóstico e serológicos, confinamento e quarentena, assim como envolve efeitos institucionais (e.g., hospitalares ou ao nível da DGS e outros). Tem, igualmente, implicações ao nível da mobilização, convergência e aplicação dos conhecimentos científicos disponíveis sobre o vírus e, ou, sobre a doença Covid19, sobre o contágio e a imunidade, a fim de lidar com o problema e a enfrentá-lo. A categoria é, ainda, operatória ao nível das expectativas relativamente a competências a esperar e a deveres a atribuir (a médicos, epidemiologistas, virologistas e cientistas em geral, à DGS, às forças da proteção civil, etc.), a direitos (dos utentes do SNS e pacientes em geral), etc. O conceito-categoria pandemia mobiliza, também, características que lhe estão ligadas, como crenças sobre a propagação do vírus e da doença, e cria expectativas, como as da descoberta e produção de medicação específica e de vacina. Podendo, assim, dizer-se que a categoria determina a situação e organiza a experiência.

A *frame analysis* de Goffman (1991) examina a organização da experiência²⁸, a partir de uma amplitude cognitiva, normativa e pragmática do conceito.²⁹ As “operações de enquadramento” ativam “esquemas interpretativos”, os “quadros primários”³⁰, que dotam de sentido uma situação ou um acontecimento, ou um ou outro aspeto da mesma, e “nos permitem localizar, perceber, identificar e classificar um número aparentemente infinito de ocorrências entrando no seu campo de aplicação” (Goffman, 1991, p. 30), o que organiza a experiência e orienta a ação. O “quadro” (*frame*) constitui um sistema de referências e coordenadas, havendo uma correspondência entre a percepção e a organização daquilo que é percebido. Com efeito, os quadros das atividades são esquemas mentais e regras que funcionam como “esquemas de interpretação”, como procedimentos de descrição, de organização da experiência e da ação, e que constituem referenciais culturais e “quadros da ação coletiva” cognitivos, normativos e práticos. Permitem, por isso, compreender as situações, apreender e construir significações, elaborar justificações e argumentações, organizar ações, e ligam-se a referenciais culturais institucionalizados ou a códigos culturais e estruturas sociais preexistentes. Como observa Snow (2001, p. 27), a aplicação do *frame* constitui uma atividade de significação,³¹ na própria medida em que o uso das operações de enquadramento é interpretativo e contextual. Embora se deva assinalar que, tal como todo o enquadramento abre um horizonte de possíveis, projeta um sentido e reorganiza as experiências presentes e passadas, ao mesmo tempo limita e exclui um conjunto de possibilidades.

No caso em análise, o quadro (*frame*) da pandemia pelo vírus SARS-CoV-2, declarada pela OMS, nas condições dos conhecimentos disponíveis, possibilitou que especialistas (médicos, epidemiologistas, imunologistas, ambientalistas e demais cientistas), poderes públicos, jornalistas, *media* em geral, públicos e atores sociais passassem a entender a situação mediante esse enquadramento, ligando-a a sistemas de

²⁸ Inspira-se em James, Schütz e Bateson e prolonga-se em estudos que seguem a tradição da Escola de Chicago, como Snow & Benford (1992).

²⁹ “Os quadros – afirma Snow (2001, p. 34.) – existem como elementos da cultura e contêm as significações pertinentes para cada situação.”

³⁰ Os quadros primários podem ser naturais e sociais, mais ou menos estruturados e comportam regras ou postulados e tipificações ou códigos que são projetados sobre as situações e as atividades, permitindo compreendê-las.

³¹ O verbo “enquadrar” (*frame*) é usado para conceptualizar o “trabalho de significação”.

conhecimentos, referências científicas, experiências, condutas e práticas culturais, sociais e históricas³² que orientam as ações a desenvolver, as medidas a implementar, as expectativas a traçar, etc. Do mesmo modo, tal quadro impediu a inteligibilidade da doença Covid-19 como um surto circunscrito à China, ou como própria de um grupo etário específico, mas antes aplicando-se a todos.

Quer a categorização, ou a conceptualização, quer o quadro da experiência, nas suas dimensões pragmáticas, orientam a como lidar com a situação e a reagir-lhe, daí advindo um efeito de normalização. Este procedimento de "normalização" (Barthélémy & Quéré, 1991; Garfinkel, 1984) facilita um relativo acordo sobre como reagir à situação e como desencadear respostas, na própria medida em que um saber de senso comum e uma inteligibilidade prática permitem reconhecer e interpretar a situação e agir dentro dessas condições. Sabe-se em que consiste uma pandemia e que uma pandemia alastra simultaneamente a um vasto território e a inúmeras populações, e deste conhecimento resulta uma redução da contingência da situação.

Tipificação, redução da contingência e normalização

A "infeção por Covid-19" estabeleceu uma ruptura com a normalidade social, em função da sua própria ocorrência desestabilizadora, do desconhecimento do vírus e de como lidar com ele. Enquanto acontecimento é da sua própria natureza ser dotado de uma dimensão de contingência. O acontecimento, que teria podido não acontecer, ou "o que teria podido ter sido feito de outra maneira" (Ricoeur, 1983, p. 138), é da ordem do inesperado, do inédito e introduz uma descontinuidade. A sua conceptualização e o relato jornalístico estabilizam-no, assim como, ao enquadrá-lo numa intriga, lhe retiram incerteza. O acontecimento contingente é associado a outros acontecimentos, a causas, é comparado com outros acontecimentos do mesmo tipo ou é colocado em relação a uma ordem social, e a sua contingência reduz-se através da sua inscrição num contexto causal e perante condições de ocorrência.

Entretanto, não havendo ainda lugar para a narrativa retrospectiva da pandemia a partir do seu desfecho³³, a sua construção nos discursos jornalísticos e correntes usa como recurso categorizações e quadros de experiência, que permitem compará-la com outras situações semelhantes e reconhecê-la em relação a outras do mesmo tipo, tanto típicas como singulares. A tipificação da situação permite o seu reconhecimento e a sua identificação, na própria medida em que, como Schütz (1987) enunciou, é segundo o modo da tipificação que o conhecimento comum organiza as experiências e os conhecimentos. O conhecimento comum ordena-se de forma "típica"³⁴: "o que é experimentado na percepção atual de um objecto é transferido (...) sobre qualquer outro objecto semelhante, percebido somente quanto ao seu tipo" (Schütz, 1987, p. 13). A nossa familiaridade com as coisas permite-nos identificá-las em termos genéricos e típicos. Como elucida Quéré (1994, p. 26), começamos por apreender o objeto,

³² Embora Snow (2001) acautele que "os quadros de ação coletiva não são determinados por códigos culturais preexistentes – sejam estes concebidos em termos de modelos, esquemas, ideologias ou narrativas –, mas são parcialmente derivados deles." (p. 40)

³³ Sabemos, pelos cientistas e especialistas, que o fim de uma pandemia é impreciso, mesmo no contexto de um país ou região, e não acontecerá simultaneamente em toda a parte. Por seu lado, em termos da biologia, o início não é único.

³⁴ "Como Husserl (...) o demonstrou com mestria, todas as formas de reconhecimento e de identificação, mesmo as dos objetos reais do mundo exterior, estão baseadas no conhecimento *generalizado* dos *tipos* destes objetos ou na maneira *típica* como eles se manifestam." (Schütz, 1987, p. 205)

acontecimento, situação ou pessoa, nas suas determinações típicas ou gerais e não nas suas características particulares.³⁵

Os tipos, no sentido herdado de Schütz, funcionam, assim, como esquemas de reconhecimento e de interpretação e ajudam a normalizar o aspecto contingente dos acontecimentos, como se houvesse repetibilidade. A reserva de conhecimentos de que dispomos constituída por um sistema de tipos, ordenados por um regime de pertinência, que funciona como um dispositivo de interpretação, remete o que é *estranho* (e constitui um problema ou um tema — *pertinência temática*) ao que é familiar (*pertinência interpretativa*) que se orienta por tipificações.³⁶ Logo, pode dizer-se que a pertinência temática da pandemia foi relacionada com outras experiências-tipo vividas no passado, tendo surgido referências a outras pandemias, como a pandemia causada pelo vírus *influenza* H1N1, em 1918, e, mais recentemente, em 2009, a pandemia de gripe causada pela *nova gripe A*, pelo vírus H1N1.³⁷ Este carácter típico cria um efeito de repetição, acentuado pela analogia histórica, que reduz a contingência e normaliza a situação.³⁸

Mesmo tratando-se de um vírus novo, o “novo coronavírus”, do qual pouco se conhece, a experiência-tipo do passado ajuda a invocar experiências e conhecimentos e a melhor descrever e compreender o que se passa. Assim como suscita sentimentos e emoções, orienta normativamente as condutas para reagir à situação e organiza expectativas e experiências. A esse enquadramento (*frame* que organiza a experiência) acrescenta-se o conhecimento que vai sendo adquirido quanto ao modo de propagação do vírus e às medidas a tomar, contribuindo para a atribuição de um “valor de normalidade”. Como Barthélémy & Quéré (1991) esclarecem,

A inscrição social e a individuação do acontecimento passam pela atribuição do que se pode chamar de valor de normalidade. Desse modo, o carácter de contingência é convertido em carácter de probabilidade ou de necessidade. Esta redução da contingência é feita sobretudo através da construção de uma textura de causalidade, da procura de responsabilidades, da determinação de um domínio de competências relativamente aos problemas colocados (a quem eles competem?) e da comparação com incidentes semelhantes (p. 67)

No caso em análise, trata-se de um problema global sanitário, cabendo ao poder político, nomeadamente ao Ministério da Saúde, assim como a instituições como a DGS, hospitais e centros de saúde, ocupar-se do surto e dos pacientes. Mas a contingência é, ainda, suprimida a partir da inscrição da situação num contexto causal que a explica: procuram-se as causas de como o vírus passou para os humanos, de como

³⁵ "Outre donc que nous saisissons d'emblée les objets, les événements, les personnes comme étant d'une certaine sorte, nous les appréhendons dans leurs propriétés typiques, c'est-à-dire selon des déterminations générales, liées au type, et non pas dans leurs particularités individuelles." (Quéré, 1994, p. 26)

³⁶ Possibilitando um acordo, no sentido de uma *congruência* ou *conformidade dos sistemas de pertinência* (Schütz, 1987).

³⁷ A gripe pneumónica (“espanhola”) foi a primeira de duas pandemias causadas pelo “Influenzavírus da Gripe H1N1”, a segunda ocorreu em 2009.

³⁸ “O director-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, comparou esta segunda-feira a pandemia de covid-19 à chamada “gripe espanhola” que há um século matou 100 milhões de pessoas, mas disse que ‘desastre’ idêntico pode ser evitado.” (*Covid-19: OMS compara pandemia à ‘gripe espanhola’*, Lusa. Público, 20 de Abril de 2020)

<https://www.publico.pt/2020/04/20/ciencia/noticia/covid19-oms-compara-pandemia-gripe-espanhola-1913120>

este se transmite, de quem o terá transportado da China para Itália, etc. Esta operação de inscrição causal e contextual, ao mesmo tempo que trata a situação, contribui para a diminuição da sua incerteza.

Dia 2 de abril de 2020, o jornal Diário de Notícias relembra:

Passou um mês desde que foram confirmados os primeiros casos de covid-19 em Portugal. O boletim epidemiológico da Direção-Geral da Saúde (DGS) chegou no dia 2 de março. Trazia a notícia de dois doentes no norte do país e muitas dúvidas sobre a forma como Portugal ia conter o surto. (...) Hoje, continuam a faltar certezas e a análise da curva epidemiológica é feita com muitas reticências, mas a maioria dos portugueses já sabe que para combater a pandemia é preciso ficar em casa e seguir os conselhos das autoridades de saúde.³⁹

Como Garfinkel e Sacks (1986) defenderam, na esteira de Schütz, o conhecimento do senso comum das estruturas sociais fundamenta o reconhecimento e a identificação de circunstâncias práticas, situações, eventos e atividades, por parte dos atores sociais. Assim sendo, o ator social reage não somente à percepção que ele tem do comportamento, dos sentimentos, motivos, ações e outras características socialmente organizadas da vida corrente, que mobilizam saberes comuns partilhados, regras, normas, procedimentos, mas também reage à “normalidade percebida” dos acontecimentos sociais e atribui “valores normais à percepção” (Garfinkel, 2007, p. 173). Donde, mesmo que a irrupção da pandemia com as consequências que advieram (aumento rápido e exponencial de contágios, hospitalizações e mortes, confinamento, etc.) tenha provocado uma ruptura da normalidade ou ordem da vida social, em termos da percepção do fenómeno, aquilo que ocorreu, e que teria podido não ocorrer e não era previsível, foi inscrito em circunstâncias e numa causalidade que tornaram o acontecimento senão previsível pelo menos provável.⁴⁰

Portanto, a inscrição do acontecimento numa textura causal, com condições de ocorrência, a sua comparação com outros do mesmo tipo, como é o caso de outras epidemias causadas por um vírus, dotando-o de um contexto histórico, reduzem a sua incerteza e normalizam-no. Há um efeito de (re)conhecimento que a imprensa enuncia como “lições a tirar da pandemia” do passado.

Nenhuma doença provocou tantos mortos em tão pouco tempo como a gripe pneumónica de 1918. Quais são as lições a tirar da pandemia que surgiu no último ano da I Guerra Mundial? – pergunta-se em todo o mundo. O que se deve ou não encerrar, assistência domiciliária *versus* internamento hospitalar, também foram debates da época. (...)

³⁹ Nunes, R.R. & Henriques, G. (2020, abril 2). *O primeiro Mês de covid-19 em Portugal*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-abr-2020/o-primeiro-mes-da-covid-19-em-portugal-a-simples-gripe-que-afinal-e-uma-pandemia-12016289.html>

⁴⁰ A este propósito, diga-se que surgiram, nos media, declarações de especialistas sobre anteriores previsões da possibilidade de ocorrências de epidemias por vírus e que se poderiam tornar planetárias: “Os cientistas devem agora também frisar que os governos ocidentais, incluindo o Português, não deram atenção suficiente à ciência, previsão e gestão da sociedade moderna face a epidemias. (...) Lembro-me de uma reunião há cerca de 15 anos com o então ministro da Ciência (e físico) Mariano Gago. Tentei convencê-lo de que no século XXI seria necessário muito maior investimento e treino em modelação epidemiológica, uma vez que os patógenos (como o SARS-CoV-2) agora viajam rapidamente em redes biológicas, ecológicas, sociais, económicas e tecnológicas que interagem entre si de forma muito complexa.” (L. M. Rocha, 2020, março 31. *É necessário mais investimento em ciência de complexidade e resiliência para lidar com pandemias*. Público) <https://www.publico.pt/2020/03/31/ciencia/opiniao/necessario-investimento-ciencia-complexidade-resiliencia-licidar-pandemias-1909956>

‘O facto de haver episódios pandémicos leva-nos sempre a pensar na pior pandemia de todas. Falou-se igualmente da gripe pneumónica quando houve o surto da gripe A em 2009’.⁴¹

A associação do que está a acontecer com o que é conhecido, e com situações passadas que servem de referência, enquadra o fenómeno novo.

Continuum experiencial e enquadramento histórico

Como referido anteriormente, uma vez identificada a pandemia, irromperam analogias com situações similares sucedidas no passado. A experiência-tipo e o quadro referencial que ganharam mais força foi, como se disse, a pandemia ocorrida em 1918-19⁴², ou a “gripe espanhola”, que é invocada reiteradamente para estruturar a experiência do presente.

O que é que a gripe de 1918 nos pode, afinal, ensinar em relação à pandemia atual? (...) Tal como em 1918, o SARS-CoV-2 é um vírus desconhecido contra o qual não há vacina, nota o historiador José Manuel Sobral, sublinhando, no entanto, que parece haver traços muito diferentes entre os dois. ‘A gripe pneumónica infectou e matou a uma velocidade muito superior à da covid-19. Mas, face a episódios anteriores de coronavírus, como a SARS de 2002 ou a MERS de 2012, o novo coronavírus está a mostrar uma grande capacidade de propagação e a matar um número elevado de pessoas. Está a gerar uma grande inquietação e medidas de emergência decretadas por toda a parte’, diz. (...) Nenhuma doença provocou tantos mortos em tão pouco tempo como a gripe pneumónica de 1918. (...) Em termos de mortalidade, esta doença esquecida para que o mundo voltou agora a olhar assustado com a covid-19 foi o maior desastre demográfico do século XX (...)

Quanto ao desenvolvimento da doença, a pneumónica e a covid-19 mostram características semelhantes, porque ambas afectam as vias respiratórias, degeneram em pneumonia e podem ser mortais (...). Os dois vírus são, no entanto, agentes patogénicos muito diferentes (...)

Uma das lições principais que a pandemia de 1918 nos ensina, escreve Mark Honigsbaum, diz respeito a ‘cidades como St. Louis, nos Estados Unidos, que atuaram logo no início e baniram grandes ajuntamentos públicos, fecharam escolas e isolaram os doentes ou os casos suspeitos, saíram-se melhor do que cidades como Filadélfia que não as implementaram’.⁴³

Em 1918, vigoraram medidas de isolamento em determinadas cidades e foi comprovada a eficácia do uso da máscara, do confinamento, da proibição de ajuntamentos e festividades, do encerramento de

⁴¹ Salema, I. (2020, março 27) *Os ecos da gripe de 1918 não param de crescer*. Público. <https://www.publico.pt/2020/03/27/ciencia/noticia/ecos-gripe-1918-nao-param-crescer-1909842>

⁴² Embora se refiram outras epidemias, nomeadamente os surtos pelos vírus SARS-CoV-1 (identificado em 2002) – o atual é o SARS-CoV-2 – e MERS-CoV (identificado em 2012).

⁴³ Salema, I. (2020, março 27). *Os ecos da gripe de 1918 não param de crescer*. Público. <https://www.publico.pt/2020/03/27/ciencia/noticia/ecos-gripe-1918-nao-param-crescer-1909842>

estabelecimentos de ensino, etc., medidas essas igualmente aplicadas em 2020. Nesse âmbito, há uma experiência anterior que é invocada, que se poderá reverter numa melhor aceitação das respostas agora convocadas (isolamento, distanciamento social, uso de máscara), quase assimilando a situação atual a uma norma predefinida. Ou seja, a referência a uma situação do mesmo tipo, recolhida no campo historiográfico, de acordo com um padrão interpretativo que mobiliza a reserva de experiências do mesmo tipo, conhecidas e disponíveis, como diria Schütz, leva a integrar a situação de pandemia causada pelo novo coronavírus, em 2020, num contexto de interpretação em que se coloca a comparação com esse passado usado como quadro de referência.

Há mais de 100 anos, a 30 de Maio de 1919, publicava-se na revista científica *Science* um artigo com o título 'As lições da pandemia'. Esta pandemia, associada à gripe de 1918, e frequentemente denominada 'gripe espanhola' ou 'peste pneumónica', foi causada por uma estirpe do vírus *influenza* que contaminou mais de 500 milhões de pessoas (27% da população mundial na época) e estimando-se ter feito milhões de vítimas mortais em todo o mundo. Nessa publicação foram descritos três fatores que promoveram o contágio: 1) indiferença por parte da população, isto é, as pessoas não tinham a consciência do risco que corriam; 2) características das medidas a implementar, em particular, a dificuldade em eliminar os vestígios de contaminação deixados pelo vírus; e 3) período de incubação variável durante o qual uma pessoa qualquer podia transmitir o vírus sem o saber.

Um século depois a situação com a pandemia associada ao vírus SARS-CoV-2 que causa a doença covid-19 não é muito diferente. Trata-se igualmente de uma infeção respiratória, mais contagiosa do que a gripe de 1918 e acelerada hoje pela mobilidade da população à escala global.⁴⁴

A experiência comum liga-se a contextos sociais, políticos e históricos, havendo, como bem expôs Dewey (1997), um princípio de continuidade da experiência (*the experiential continuum*), no sentido em que toda a experiência se baseia em algo existente nas experiências anteriores, assim como modifica, de algum modo, a qualidade das experiências subsequentes. A experiência é uma interação entre o organismo e o seu meio⁴⁵ (que é natural e sociocultural), a um duplo título de adaptação ou ajustamento e de transformação do meio, e "cada experiência influencia em algum grau as condições objetivas sobre as quais se têm as experiências futuras" (Dewey, 1997, p. 37). Tecem-se ligações entre experiências e, como observa Dewey (1997), "diferentes situações sucedem umas às outras. Mas, graças ao princípio da continuidade, alguma coisa é trazida das situações anteriores para as seguintes" (p. 44). Por isso, a experiência e as significações de acontecimentos ocorridos no passado podem orientar expectativas de um devir possível ou de um futuro conjeturado.

Veja-se a referência histórica a medidas como o isolamento e o distanciamento social que, onde foram aplicadas, obtiveram como resultado um maior crescimento económico após a crise.

⁴⁴ Rozhnova, G., Nogueira, J. & Ferreira, P. (2020, março 31). *Como combater o inimigo epidémico invisível e vencer?* Público. <https://www.publico.pt/2020/03/31/ciencia/noticia/combater-inimigo-epidemico-invisivel-vencer-1910227>

⁴⁵ "Uma experiência é sempre aquilo que é em função da transação que acontece entre um indivíduo e aquilo que, naquele momento, constitui a sua situação." (Dewey, 1997, p. 43)

A Pandemia de gripe do início do século XX matou 50 milhões de pessoas entre os 500 milhões de infetados. Em 1918, quem apostou primeiro no isolamento social cresceu mais depois da crise.

(...) Os efeitos económicos que o novo coronavírus vai trazer ainda não são certos mas há um exemplo que pode ser analisado para perceber os efeitos que uma pandemia pode ter a nível económico – a pandemia de gripe de 1918, mais conhecida como gripe espanhola. Três investigadores acreditam que esta gripe deixa lições válidas para enfrentar o choque económico, entre as quais a forma como as cidades que se adiantaram a adotar medidas de distanciamento social ‘não só não tiveram um desempenho pior, como cresceram mais rápido quando a pandemia passou’. (...) ‘as intervenções não farmacológicas podem dar rendimentos económicos, além da redução da mortalidade’. (...) aquelas cidades que aplicaram maiores medidas de distanciamento social ‘cresceram mais a médio prazo’.⁴⁶

Porém, se a experiência do passado permite antecipar respostas, há uma incerteza sobre o devir da atual crise e sobre as suas consequências que se mantém, porque o conhecimento do novo coronavírus está em fase de estudo, tanto quanto se encontra em curso a investigação sobre a terapêutica, a medicação e a vacina. Este terreno de imprecisão (e o sentimento de medo) e o relativo desconhecimento do novo vírus são favoráveis a notícias e comentários falsos ou desinformação, predominantemente nas redes digitais sociais.

Informação e desinformação. A infodemia

Pode dizer-se que, mesmo nas notícias veiculadas pelos media tradicionais (imprensa escrita, rádio e televisão), há uma certa amálgama entre jornalismo e comentário – ou entre jornalismo, análise, opinião e comentário – e entre jornalistas e comentadores, e uma proliferação de opiniões e comentários em detrimento do jornalismo. Quanto a este último, o imperativo da verificação da informação ou dos factos (*fact-checking*; Kovach e Rosenstiel, 2007) não é, só por si, sinónimo de “jornalismo de referência” que exclua e impeça a desinformação. A referência ao facto e a separação entre a descrição do facto e a falsidade ou a mentira não são, por si mesmos, garantias de melhor jornalismo, se o facto, ou a descrição do facto, não for dotado de um contexto e de uma explicação.

A identificação do acontecimento ou da *ação feita*⁴⁷ contempla uma conceptualização, ou categorização, e um contexto de descrição (Ricœur, 1983), que é aquilo que se mobiliza do sistema simbólico (linguagem, convenções, normas) e permite significar e compreender de que se trata.⁴⁸ Ora, de acordo com a dialética da questão e da resposta, que está subjacente ao discurso da ação, a descrição de uma ação responde às questões: *Quem? O quê? Porquê? Como? Aonde? Quando?* – “Quem faz ou fez o quê, com que fim, como, em que circunstâncias, com que meios e quais os resultados?” (Ricœur, 1990, p. 75). Logo, a notícia não

⁴⁶ Branco, M. (2020, março 31). *Coronavírus: as lições que podemos retirar da gripe espanhola de 1918*. Sábado. <https://www.sabado.pt/mundo/detalhe/coronavirus-as-licoes-que-podemos-retirar-da-gripe-espanhola-de-1918>

⁴⁷ Como enuncia Descombes (1991), “a coisa feita existe: há acontecimentos (passados ou presentes) que são essa ação.” (p. 561)

⁴⁸ “Um sistema simbólico fornece assim um *contexto de descrição* para ações particulares. Dito de outro modo, é ‘em função de...’ tal convenção simbólica que nós podemos interpretar tal gesto *como* significando isto ou aquilo.” (Ricœur, 1983, p. 92)

requer somente o relato dos factos, mas que estes estejam inseridos numa textura causal – Davidson (1993) defendeu que o esquema causal serve não só para descrever o acontecimento como para o identificar⁴⁹ – e num contexto composto por condições e circunstâncias, agentes, motivos, razões, responsabilidades, consequências e resultados não pretendidos ou fins visados. É em função de um contexto causal, normativo, social e histórico que o passado do acontecimento lhe é associado e o explica.⁵⁰

Quando a pandemia causada pelo novo vírus irrompe, existe um nível elevado de incerteza, em resultado do que se não conhece e da própria investigação científica requerer tempo e precaução (verificabilidade e refutabilidade). Este terreno de indeterminação favorece imprecisões jornalísticas, desinformação, simplificação ou sensacionalismo, notícias falsas, tendo estas proliferado nas redes digitais sociais. Nestas últimas, diferentemente do jornalismo tradicional, não existem critérios editoriais e confirmação dos factos, e vigoram lógicas de dispersão, fragmentação, descontextualização, reprodução, anonimato ou formas individualizadas de expressão de opiniões e sentimentos, e custos baixos.⁵¹ O efeito de fechamento exercido por *gatekeepers*⁵² (*gatekeeping*, Barzilai-Nahon, 2009), que guiam e controlam o direito de escolher as informações que merecem ser difundidas nas redes de informação, não se pratica nas redes sociais. Por seu lado, uma *tabloidização* do jornalismo e o infoentretenimento dispensam a investigação jornalística. É neste quadro comunicacional e de produção mediática que grassam as *fake news* que, como Allcott & Gentzkow (2017) esclarecem, “definimos ‘notícias falsas’ como sendo notícias que são intencional e comprovadamente falsas e podem enganar os leitores” (p. 213). Embora também se possa considerar numa perspetiva dilatada, com Higdon (2020), que há desinformação e *fake news* de diversos formatos.

É por isso que eu proponho uma definição mais ampla e afirmo que existem diferentes formatos de notícias falsas como boato, mentira, embuste, sátira, paródia, desinformação, impostura, fabricação ou manipulação de conteúdos, mas também farsa profunda (*deep fake*), vídeos falsos, em pleno crescimento.

Ora, como uma dimensão de desconhecimento e incerteza subsistem com a pandemia, a par de sentimentos e emoções exacerbados pelo contágio iminente, pela crise sanitária, pela doença e morte, mas também pelas liberdades limitadas pelo confinamento obrigatório, propagam-se notícias falsas e “informação tóxica” (*intox*), chegando a própria OMS a referir a *infodemia* (“pandemia de desinformação”). A situação de incerteza da pandemia é favorável à desinformação, e diferentes estudos,

⁴⁹ Para Davidson (1993, p. 242), mais do que as coordenadas espaço-temporais, é o esquema causal no qual o acontecimento se inscreve que permite identificá-lo e descrevê-lo.

⁵⁰ “É preciso que se produza o acontecimento para que haja um passado do acontecimento. Um passado relativo, em exclusivo, a esse acontecimento e à maneira pela qual ele é percebido, identificado e descrito. O mesmo raciocínio é válido para o contexto.” (Quéré, 2005, p. 62)

⁵¹ “The theoretical framework we sketched above suggests several reasons why social media platforms may be especially conducive to fake news. First, on social media, the fixed costs of entering the market and producing content are vanishingly small. This increases the relative profitability of the small-scale, short-term strategies often adopted by fake news producers, and reduces the relative importance of building a long-term reputation for quality. Second, the format of social media—thin slices of information viewed on phones or news feed windows—can make it difficult to judge an article’s veracity.” (Allcott & Gentzkow, 2017, p. 221)

⁵² *Gate keeper* é aquele que define o que será noticiado de acordo com valor-notícia, linha editorial e outros critérios de noticiabilidade.

entre os quais de Evanega et al. (2020), da Universidade Cornell, examinaram a *covid-19 'infodemic'*⁵³, assim como surgiram sistemas de detecção automática de informação falsa⁵⁴. A designada *epidemiologia de desinformação* segue crenças e convicções pré-existentes, desejos, medos, fantasias, suposições, inferências e descontextualização.

Não sendo o fenómeno novo, e embora nas redes digitais se intensifiquem a desinformação e as *fake news*, pode também dar-se conta de notícias imprecisas, equívocas, ou mesmo falsas, e teorias da conspiração, a propósito da pandemia de 1918, algumas das quais vieram a encontrar correspondência em 2020. Os próprios media de massa reportam essa desinformação ou falsidades que apresentam semelhanças entre as duas pandemias. Veja-se Gabrielle Werenicz Alves (2020) que estabelece “uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus”, tendo inventariado as principais semelhanças entre a gripe espanhola e a covid-19: Rápida disseminação; Busca desenfreada por remédios e proteção; Mortes de todas as faixas etárias; Descrença e desvalorização da doença; Paralisação do mundo; Crise no sistema funerário; Racismo e xenofobia; Notícias falsas.⁵⁵ Examinemos alguns destes tópicos, especificamente no âmbito das notícias falsas e da desinformação.

Dando-se conta de um paralelismo com o passado, assinalam-se logros sobre a origem da pandemia covid-19, como seja a criação do vírus num laboratório secreto em Wuhan:⁵⁶

Nos dias atuais, foram uma infinidade de notícias falsas criadas sobre o novo coronavírus, ora desacreditando da pandemia, ora tornando o desespero ainda maior. Uma das *fake news* era sobre o coronavírus ser um vírus criado em laboratório pela China ou Estados Unidos para infectar o mundo (os cientistas já confirmaram ser um vírus surgido e transmitido naturalmente).

Em 1918, também não faltaram teorias sobre a origem da doença. Muitos acreditavam ser um doença criada artificialmente pelos alemães, que haviam perdido a guerra, e espalhada ao mundo através de garrafas jogadas no mar e recolhidas por banhistas. (Murça, 2020)

Relativamente à designação e identificação, há mal-entendidos quer com o vírus Sars-Cov-2 apelidado, por alguns, de “vírus chinês”⁵⁷ quer com a “gripe espanhola”:

⁵³ Evanega et al. (2020), da *Cornell Alliance for Science*, avaliaram cerca de 38 milhões de conteúdos, publicados em língua inglesa pelos media tradicionais (nos Estados Unidos, Reino Unido, Índia, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, etc.), entre 1 de janeiro e 26 de maio de 2020. O estudo analisou a ligação com histórias dos media tradicionais em canais sociais e identificou mais de 1,1 milhão de notícias (2,9% de toda a informação sobre COVID-19) que divulgaram ou ampliaram desinformação relativamente à pandemia.

⁵⁴ “O projecto, intitulado ‘Detecting Fake News Automatically’, surgiu da necessidade de desenvolver um sistema ‘capaz de detectar as *fake news* nas redes sociais de um modo automático’.” (*Investigadores criam sistema para detectar fake news nas redes sociais*. Lusa, Público, 25 de maio de 2020). <https://www.publico.pt/2020/05/25/p3/noticia/investigadores-criam-sistema-detectar-fake-news-redes-sociais-1918009>

⁵⁵ Ver Giovana Murça (2020).

⁵⁶ Sobre a desinformação em relação ao laboratório de Wuhan, Evanega et al. (2020) apuraram o seguinte: “Wuhan Lab/Bioweapon Conspiracy theories surrounding the Wuhan Institute of Virology emerged early in COVID-19 misinformation coverage, including theories that it was a secret bioweapons facility and that it was the origin point for a deliberate or accidental release of SARS-CoV-2.” (p. 6)

⁵⁷ Evanega et al. (2020) inventariam os tópicos de desinformação mais comuns na ‘infodemia’ COVID e dão conta do seguinte: “Bat Soup. Early conspiracy theories surrounding COVID-19 focused on the claim that the coronavirus was initially caught by humans consuming bats in Wuhan, China. Outlets such as The Guardian reported early that this conspiracy theory was rooted in racism and likely contributed to an increase in anti-Asian sentiment, including death threats to a Chinese celebrity.” (p.7)

Outro fator que assemelha o episódio de 1918 a 2020 é a questão do nome da doença: a pandemia do passado não começou em Espanha. (...)

Esse mesmo dilema é visto nos dias de hoje: apesar de a Organização Mundial da Saúde ter tomado o cuidado de botar um nome no vírus (Sars-Cov-2) e na doença (Covid-19) que não tenham nada a ver com o seu nascimento na cidade chinesa de Wuhan, alguns políticos insistem em fazer essa estigmatização: o presidente americano Donald Trump já usou o termo “vírus chinês” algumas vezes. (Murça, 2020)

No que diz respeito à “busca desenfreada por remédios e proteção”, tanto no passado como na atualidade há a semelhança da procura e uso de máscaras e álcool. Todavia, em 1918, espalharam-se notícias inexatas sobre a toma de quinino e, em 2020, emergiram informações incorretas e uso indevido do medicamento de cloroquina, a hidroxicloroquina.

Houve alta procura também da substância cloroquina, um medicamento ainda estudado pelos pesquisadores como um dos tratamentos contra a covid-19, mas que ainda não teve sua eficácia comprovada.

Da mesma forma, há 100 anos, o medicamento quinino sumiu das farmácias e ficou mais caro. O quinino era originalmente utilizado contra a malária e ainda estava sendo testado pelos médicos para o tratamento da gripe espanhola. (Murça, 2020)

Também no estudo de Evanega et al. (2020), na lista das onze principais teorias da conspiração COVID, ou de desinformação mais comuns na 'infodemia', consta em primeiro lugar o tópico relativo a curas milagrosas.⁵⁸

Acrescente-se que, independentemente das *fake news* e da desinformação voluntária, em termos da informação jornalística e dos critérios editoriais e de noticiabilidade (estes orientam-se pelos “valores-notícia”, tais como o interesse público), as informações noticiosas elaboram igualmente aquilo de que dão conta. Os estudos clássicos de Molotch e Lester (1974) e de Tuchman (1978) sobre a construção das notícias nos media, ao encararem as notícias como construídas, introduziram um novo olhar sobre as mesmas e sobre o trabalho que as produz. A perspectiva *newsmaking* (Tuchman, 1978, 2002) defende que a construção dos acontecimentos nos media é condicionada pelas exigências destes e pela lógica da produção de *news*. A notícia é analisada como *construção social da realidade* e como *narrativa* e insere-se na “organização social do trabalho informativo”, i.e., em redes de notícias, tipificações, “constituição mútua dos factos e das fontes”, estando “o trabalho jornalístico” “reflexivamente mergulhado no contexto da sua própria produção e apresentação” (Tuchman, 2002, p. 98).

Todavia, a construção da notícia não se confunde com a sua fabricação imprecisa ou falsificação (nem a construção social da realidade se confunde com a distorção desta) e as notícias falsas não resultam dos constrangimentos e efeitos da produção da informação nos media tradicionais e nas redes digitais.

⁵⁸ “The “miracle cures” sub-topic accounts for more misinformation coverage than the other ten sub-topics combined. It is dominated by a peak on April 24 corresponding with President Trump’s press conference statements about the potential of using bleach or other disinfectants internally as a cure for coronavirus infection. This peak, along with others in the “miracle cures” topic — in particular the president’s promotion of hydroxychloroquine — makes this sub-topic the second-largest contributor to the misinformation conversation after President Trump himself.” (Evanega et al., 2020, p. 6)

Reflexão final

No âmbito deste artigo quis destacar como as informações e o jornalismo, no próprio processo de composição da notícia, utilizam identificações, categorias, tipificações e quadros de organização da experiência (*frames*) que são usados por protagonistas, atores sociais, jornalistas, e que circulam nos discursos correntes e institucionais.

No caso da pandemia pelo vírus SARS-CoV-2, houve a atribuição de uma designação e de uma textura causal e temporal, de acordo com a origem e a cadeia de transmissão, a partir do final do ano de 2019 e da cidade de Wuhan, na China. A aplicação do conceito “pandemia” permitiu identificar e responder à situação, e antecipar um devir não determinado, na medida em que a categoria detém um carácter operatório, implicando inferências lógicas e semânticas, e a conjetura de consequências práticas e morais. Ademais, e dado que a identificação e a definição da situação decorrem de operações de categorização e enquadramento, que organizam um contexto de descrição e significação, houve a compreensão do fenómeno, a qual também adveio da constituição de uma textura causal com valor explicativo. Em função desse contexto e da trajetória causal e temporal, a situação foi associada a um passado que lhe serviu de quadro de referência.

Ora, se a comparação com outra pandemia ocorrida no passado produziu um efeito de normalização e redução da incerteza, também se deu conta da existência de várias disparidades, além do desfasamento social e histórico. Em termos clínicos, por exemplo, as semelhanças entre a doença causada pelo novo coronavírus e a “gripe espanhola” centraram-se no facto de poder desenvolver-se uma pneumonia.⁵⁹ Contudo, a covid-19 é uma doença que, proporcionalmente, afeta mais as pessoas mais velhas, enquanto a gripe H1N1, de 1918, atingiu com maior incidência jovens com idades entre 20 e 30 anos. Também as circunstâncias e os contextos sociais, culturais, económicos, políticos e demográficos são distintos. Estas diferenças, porém, não invalidam o carácter hermenêutico do confronto histórico, no sentido em que as experiências e significações de acontecimentos passados têm o poder de criar uma inteligibilidade que pode ajudar a esclarecer o presente e o futuro à luz dos seus efeitos.

Não sendo os factos sociais independentes das significações e interpretações que os atores lhes atribuem, à questão jornalística basilar da distinção entre relato noticioso e opinião acrescenta-se que, se o acontecimento jornalístico se reporta a factos, tal não equivale a despojá-lo de significações e contextualização. Em contrapartida, e diversamente, a desinformação alimenta-se de omissões, suposições, conjeturas, falácias, erros, metáforas, crenças, rumores, assim como de um esvaziamento referencial, e da distorção ou eliminação de coordenadas e condições de ocorrência. Por meio de imagens, vídeos, discursos, comentários ou depoimentos descontextualizados, ou falsamente re(con)figurados, a desinformação ilude. Nessa medida, e porque as redes sociais digitais são o lugar de uma comunicação sem mediação – e sem regulamentação e com uma regulação mínima – e de modalidades mais individualizadas de expressão, nelas aumentam as práticas de desinformação.

⁵⁹ “Em comum, a ‘gripe espanhola’ e o novo coronavírus só têm a probabilidade de a doença respiratória evoluir para pneumonia. (...) O agente viral é diferente, a doença é diferente, a expressão epidémica tem contornos diferentes e a evolução da pandemia igualmente diferente.” (*Semelhanças com ‘gripe espanhola’ começam e acabam na pneumonia*. Lusa, Dnoticias.pt, 4 abril de 2020). <https://www.dnoticias.pt/2020/4/4/60763-semelhanças-com-gripe-espanhola-comecem-e-acabam-na-pneumonia>

Em suma, os relatos jornalísticos requerem processos de identificação, descrição e explicação. A normalização e a contextualização de uma situação ou acontecimento convocam, entre outros aspetos, o seu passado e ocorrências análogas anteriores, confirmando-se, no caso da pandemia, tanto hoje como antes, a circulação de desinformação. Se os dispositivos tecnológicos pessoais de comunicação potenciam a difusão, e proliferação, de crenças, convicções, emoções, ausência de fontes, anonimato, desinformação e notícias falsas, pode dizer-se que a recepção também está em causa, porque é preciso saber receber e interpretar a mensagem.

Referências bibliográficas

- Allcott, H, & Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- Alves, G. W. (2020). *Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves>
- Babo-Lança, I. (2006). *A configuração dos acontecimentos públicos. O caso República e as manifestações nos Açores em 1975*. Edições MinervaCoimbra.
- Barthélémy, M., & Quéré, L. (1991). *La mesure des événements publics*. CEMS/ Ed. EHESS.
- Barzilai-Nahon, K (2009). "Gatekeeping: A critical review". *Annual Review of Information Science and Technology*. 43: 433–478. <https://doi.org/10.18778/1733-8077.1.1.02>
- Berard, T. J. (2005). Evaluative Categories of Action and Identity in Non-Evaluative Human Studies Research: Examples from Ethnomethodology. *Qualitative Sociology Review*, 1(1), 5–30. <https://doi.org/10.18778/1733-8077.1.1.02>
- Coulter, J. (1991). Logic: ethnomethodology and the logic of language. In Button, G. (Ed.), *Ethnomethodology and the Human Sciences* (pp. 20–50). Cambridge University Press.
- Davidson, D. (1993). *Actions et événements*. PUF.
- Descombes, V. (1991). Le Pouvoir d'être soi, *Critique*, 529-530, juin-juillet, 545-576.
- Dewey, J. (1997). *Experience and Education* (2nd ed.). Touchstone edition and Kappa Delta Pi.
- Evanega, S., Lynas, M., Adams, J., & Smolenyak, K. (2020). *Coronavirus misinformation: quantifying sources and themes in the covid-19 'infodemic'*. Cornell University. <https://allianceforscience.cornell.edu/wp-content/uploads/2020/09/Evanega-et-al-Coronavirus-misinformationFINAL.pdf>
- Garfinkel, H. (1984). *Studies in Ethnomethodology*. Polity Presse.
- Garfinkel, H. (2007). *Recherches en Ethnométhodologie*. PUF.

- Garfinkel, H. & Sacks, H. (1986). On Formal Structures of Practical Actions. In *Ethnomethodological Studies of Work*, t.1, R.K.P.
- Goffman, E. (1991). *Les cadres de l'expérience*. Minuit.
- Higdon, N. (2020, septembre 20). Nous traversons une crise profonde de l'information. *Philosophie Magazine*. <https://www.philomag.com/articles/nolan-higdon-nous-traversons-une-crise-profonde-de-linformation>
- Jayyusi, L. (1984). *Categorization and the Moral Order*. Routledge and Kegan Paul.
- Konecki, K. T. (2005). Qualitative Understanding of Others and Qualitative Sociology. *Qualitative Sociology Review*, 1(1), 1–4. <https://doi.org/10.18778/1733-8077.1.1.01>
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2007). *The Elements of Journalism*. Three Rivers Press.
- Molotch, H. & Lester, M. (1996). Informer : une conduite délibérée. De l'usage stratégique des événements, *Réseaux* 75, 23-41.
- Murça, G. (2020, abril 27). *8 semelhanças entre a covid-19 e a gripe espanhola*. Revista Quero (Quero Educação). <https://querobolsa.com.br/revista/8-semelhancas-entre-a-covid-19-e-a-gripe-espanhola>
- Quéré, L. (1994). Présentation, *Raisons Pratiques*, 5, 7-40.
- Quéré, L. (2005). Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento, *Trajectos*, 6, 85-94.
- Ricœur, P. (1983). *Temps et Récit I*. Le Seuil.
- Ricœur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Le Seuil.
- Sacks, H. (1989). *Human Studies*, 12, Kluwer Academic Publishers.
- Schütz, A. (1987). *Le Chercheur et le Quotidien*. Méridiens Klincksieck.
- Snow, D. (2001). Analyse de cadres et mouvements sociaux, *Raisons Pratiques*, 12, 27-49.
- Snow, D. & Benford, R. (1992). Master Frames and Cycles of Protest. In *Frontiers in Social Movement Theory*, Yale University Press, 133-155.
- Tuchman, G. (1978). *Making News – A Study in the Construction of Reality*. The Free Press.
- Tuchman, G. (2002). As notícias como uma realidade construída. In Esteves, J.P. (org.) *Comunicação e sociedade* (pp. 91-104). Livros Horizonte.
- Watson, R. (1994). Catégorization, séquentialité et ordre social. *Raisons Pratiques*, 5, 151-184.